

O LOBO

Eis o que nos contou o velho marquês de Arville no fim do jantar de Saint-Hubert, na casa do barão dos Ravels.

Tinha-se caçado um veado durante o dia. O marquês era o único dos convivas que não tomara parte nessa perseguição, porque jamais caçava.

Durante a longa refeição, só se tinha falado de massacres de animais. As próprias mulheres se interessavam pelas narrativas sanguinárias e frequentemente inverossímeis, e os oradores reproduziam com gestos os ataques e os combates de homens contra animais, levantavam os braços, contavam com uma voz trovejante.

O sr. de Arville falava bem, com alguma poesia um tanto enfática, mas cheia de efeito. Devia ter repetido muitas vezes esta história, porque a contava fluentemente, não hesitando nas palavras escolhidas com habilidade para evocar a imagem.

– Senhores, eu nunca cacei, meu pai também não, nem meu avô. Este último era filho de um homem que caçou mais que todos os senhores juntos. Ele morreu em 1764. Vou lhes dizer como.

Chamava-se Jean, era casado, pai dessa criança que foi meu trisavô, e morava com seu irmão mais novo, François d'Arville, no nosso castelo de Lorraine, em plena floresta.

François d'Arville tinha ficado solteiro por amor à caça.

Os dois caçavam durante o ano todo, sem descanso, sem interrupção, sem cansaço. Só amavam isso, não compreendiam outra coisa, só falavam disso, só viviam para isso.

Tinham no coração essa paixão terrível, inexorável. Ela os consumia, tendo-os invadido por completo, não deixando lugar para mais nada.

Tinham proibido que os incomodassem durante a caça, por qualquer razão que fosse. Meu bisavô nasceu enquanto o pai seguia uma raposa, e Jean d'Arville não interrompeu a perseguição, mas praguejou: “Que diabo, este patife podia muito bem ter esperado pelo *halali*”¹.

O seu irmão François mostrava-se ainda mais arrebatado do que ele. Logo que se levantava, ia ver os cães, depois os cavalos e, em seguida, atirava nos pássaros que voavam em torno do castelo até o momento de partir para caçar algum animal de grande porte.

Eram chamados, na região, de sr. Marquês e sr. o Caçula, já que os nobres de então não eram como a nobreza de ocasião dos nossos dias, que pretende estabelecer nos títulos uma hierarquia descendente; porque o filho de um marquês não é conde, nem o filho de um visconde, barão, assim como o filho de um general não é coronel de nascimento. Mas a vaidade mesquinha desta época tira proveito desta disposição.

Volto aos meus antepassados.

Eram, segundo consta, desmesuradamente altos, ossudos, peludos, violentos e vigorosos. O jovem, ainda mais alto que o mais velho, tinha uma voz tão forte que, segundo uma lenda da qual se orgulhava, todas as folhas da floresta se agitavam quando gritava.

E, quando ambos montavam para partirem para a caça, deveria ser um espetáculo soberbo ver esses dois gigantes em seus grandes cavalos.

Ora, por volta de meados do inverno desse ano de 1764, o frio foi excessivo e os lobos tornaram-se ferozes.

Chegavam a atacar os camponeses que se atravessavam, rondavam de noite em volta das casas, uivavam do pôr ao nascer do sol e despovoavam os estábulos.

E logo circulou um rumor. Falava-se de um lobo colossal, de pêlo cinzento, quase branco, que havia comido duas crianças, devorado o braço de uma mulher, estrangulado todos os cães de guarda da região, e que penetrava sem medo nos terrenos cercados para vir farejar debaixo das portas. Todos os habitantes afirmavam ter sentido o seu bafo, que fazia vacilar a chama das velas. E, em breve, um pânico se espalhou por toda a província. Ninguém mais ousava sair depois que anoitecia. As trevas pareciam habitadas pela imagem desse animal.

Os irmãos de Arville resolveram encontrá-lo e matá-lo e convidaram para grandes caçadas todos os fidalgos da região.

Foi em vão. Por mais que percorressem as florestas e revirassem as matas, nunca o encontravam. Matavam-se lobos, mas não aquele. E, em todas as noites que se seguiam à caçada, o animal, como que

para se vingar, atacava algum viajante ou devorava alguma rês, sempre longe do local onde o tinham procurado.

Finalmente, uma noite ele penetrou no curral de porcos do castelo de Arville e comeu os dois mais gordos.

Os dois irmãos ficaram inflamados de cólera, considerando este ataque como uma bravata do monstro, uma injúria direta, um desafio. Juntaram todos os seus grandes cães, fortes e habituados a perseguir feras temíveis, e iniciaram a caçada com o coração cheio de furor.

Desde a aurora até hora em que o sol purpúreo se pôs por trás das grandes árvores nuas, eles percorreram as matas sem nada encontrar.

Por fim, furiosos e desolados, os dois regressaram, ao passo dos cavalos, por uma aléia orlada de sarças, espantados da sua ciência ter sido ludibriada por esse lobo e tomados subitamente de uma espécie de temor misterioso.

O mais velho disse:

“Esse animal não é comum. Parece que pensa como um homem”.

O mais novo respondeu:

“Talvez devêssemos mandar benzer uma bala pelo nosso primo bispo ou pedir a algum padre para pronunciar as palavras necessárias”.

Depois eles se calaram.

Jean voltou a falar:

“Olhe como o sol está vermelho. O grande lobo vai causar alguma desgraça esta noite”.

Mal tinha acabado de falar quando o seu cavalo se empinou; o de François começou a dar coices. Uma

grande moita coberta de folhas mortas abriu-se diante deles e um animal colossal, todo cinza, surgiu e fugiu correndo através do bosque.

Ambos saltaram uma espécie de grunhido de alegria e, curvando-se sobre o pescoço de seus pesados cavalos, os lançaram para a frente com um impulso de todo o corpo, imprimindo-lhes uma tal velocidade, excitando-os, instigando-os e enlouquecendo-os com a voz, os gestos e as esporas, que os robustos cavaleiros pareciam conduzir os pesados animais entre as coxas, como se voassem.

Iam, assim, a toda velocidade, atravessando os matagais, cruzando os barrancos, subindo as encostas, descendo as gargantas e tocando a trompa a plenos pulmões para chamar a atenção de seus homens e de seus cães.

E eis que, de repente, nessa corrida desenfreada, meu antepassado bateu com a cabeça num enorme galho que lhe partiu o crânio; e caiu ao solo, morto instantaneamente, enquanto o cavalo enlouquecido desaparecia na sombra circundante dos bosques.

O mais novo dos Arville parou imediatamente, saltou para o chão, tomou o irmão nos braços e viu que o cérebro escorria da ferida junto com o sangue.

Então, sentou-se junto ao corpo, colocou nos joelhos a cabeça desfigurada e vermelha e esperou, contemplando a face imóvel do irmão mais velho. Pouco a pouco, um medo o invadia, um medo singular que até então nunca havia sentido, o medo da escuridão, o medo da solidão, o medo do bosque deserto e também o medo do lobo fantástico que acabara de matar o seu irmão para se vingar deles.

As trevas tornavam-se mais densas, o frio agudo

fazia estalar as árvores. François levantou-se, tremendo, incapaz de permanecer mais tempo naquele lugar, sentindo-se quase a desmaiar. Não se ouvia mais nada, nem a voz dos cães nem o som das trompas, tudo estava mudo no horizonte invisível; e esse silêncio morno do crepúsculo tinha algo de assustador e estranho.

Tomou em seus braços de gigante o grande corpo de Jean e colocou-o na sela para levá-lo ao castelo; depois, pôs-se lentamente a caminho com o espírito perturbado, como se estivesse bêbado, perseguido por imagens horríveis e surpreendentes.

Subitamente, um grande vulto passou pelo caminho que a noite começava a invadir. Era a fera. Um abalo de pavor percorreu o caçador; alguma coisa fria, como uma gota d'água, deslizou-lhe na altura dos rins e ele, como um monge perseguido pelo diabo, fez um grande sinal-da-cruz, enlouquecido com este retorno brusco do medonho vagabundo. Mas seus olhos voltaram a pousar no corpo inerte deitado à sua frente e, de repente, passando bruscamente do medo à cólera, estremeceu, possuído por uma raiva incontrolável.

Então, esporeou o cavalo e lançou-se atrás do lobo.

Ele o seguia através das matas, das ravinas e dos bosques, atravessando partes da floresta que já não reconhecia, o olhar fixo na mancha branca que fugia na noite que descera sobre a terra.

Seu cavalo também parecia animado por uma força e um ardor desconhecidos. Galopava, de pescoço estendido, batendo nas árvores e nas rochas, com a cabeça e os pés do morto atravessados na sela. As sarças arrancavam-lhe os cabelos; a fronte, ao bater nos troncos enormes, salpicava-os de sangue; as esporas dilaceravam pedaços de casca.